



Tema: Arte/Educação Contemporânea:
metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender.

Modalidade: Comunicação Oral GT: Artes Visuais
Eixo Temático: Metamorfoses e narrativas na formação inicial e continuada do professor de Artes Visuais e na Pedagogia.

SENSIBILIDADE E ARTE: UM CAMINHO DE SUPERAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Adriana Alves Bonfim Cardoso (CENTRO DE ARTES/URCA/CE/BR)
Fábio José Rodrigues da Costa (CENTRO DE ARTES/URCA/CE/BR)

RESUMO:

Pretendo neste artigo apresentar o meu processo de aprendizagem na disciplina Didática do Ensino das Artes Visuais I, tendo como mediador o prof.Dr. Fabio José Rodrigues da Costa. Através da metodologia proposta pelo mesmo na teoria e na prática, aprendendo com a arte. Este trabalho é o resultado de um processo que muito me ajudou a superar variaias dificuldades, a maior delas foi aceitar a minha deficiência auditiva. Fez-me também entender que eu como portadora de necessidade especial tinha direitos que me proporcionariam uma melhor qualidade de vida, e como consequência, transformei medo, angustia e vergonha em arte. Com o passar do tempo fui me adaptando à realidade com o uso do aparelho auditivo, exercendo o meu direito, mas nem sempre é assim, muitas pessoas portadoras de necessidade especial não têm oportunidade de ter conhecimento, nem assistência por parte do poder público que em muitos casos é omissa, não por falta de recursos, mas por falta de compromisso com a vida das pessoas.

Palavras-Chave: Metodologia; Aprendizagem; Arte; Deficiência.

SENSITIVITY AND ART: A WAY OF OVERCOMING THE LEARNING PROCESS

ABSTRACT:

I intend in this article to present my learning process in the discipline Didactic Teaching of Visual Arts I, having as the mediator Prof. Dr. Fabio José Rodrigues da Costa. Through the methodology proposed by the same in theory and practice, learning the art. This work is the result of a process that really helped me overcome variaias difficulties, the biggest one was to accept my hearing impairment. Also made me understand that I as having special needs had rights that would provide me a better quality of life, and as a consequence, became fear, anguish and shame in art. Over time I've been adapting to reality with the use of hearing aid, exercising my right, but it is not always so, many people with special needs people have no opportunity to have knowledge or assistance from the government than in many cases is silent, not lack of resources but a lack of commitment to people's lives.

Key words: Methodology; Learning; Arts; Disability.

1 Introdução

Estar no curso de Licenciatura em Artes Visuais não acontece do vazio e sim de uma longa caminhada embora tardia, mas a motivação de ser professora, me faz seguir em frente, enfrentando muitos problemas para chegar até aqui.

Acredito que a metodologia utilizada na disciplina de Didática do Ensino das Artes Visuais I, contribuiu muito para o meu processo de aprendizagem. Eu, aluna na minha particularidade negava a mim mesma o direito ao saber. Quando faço tal afirmação, falo das dificuldades em acompanhar o processo de formação no curso, o interesse pelo aprender e o entendimento do que era trabalhado nas disciplinas sempre foi muito forte, mas todas as expectativas eram interrompidas por causa do meu maior problema: a minha deficiência, a qual ficou silenciada por muito tempo. Elaborar este artigo foi muito difícil, pois luto constantemente contra minhas angustias por não querer ter comigo algo que já faz parte de mim, a minha deficiência auditiva. Ao olhar para as pessoas achava que elas estavam sempre rindo de mim, não acreditava que eu poderia aprender, fazer, falar e construir algo que conquistasse a atenção e admiração de alguém.

Foi nas aulas de didática que passei a conhecer a mim mesma e dar lugar ao meu potencial como pessoa e uma arte/educadora em formação. Segundo Ferraz (2009, p.18): “É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo”.

2 Definindo o meu processo de aprendizagem

As considerações acima permitem definir o meu processo de formação primeiramente como humano, mulher negra e deficiente. Estas são as razões pelas quais acabo aceitando, pois o meu primeiro momento na aula de Didática do Ensino das Artes Visuais I foi um pouco confuso, porque eu ainda não me sentia aberta para me perceber. Mas com a metodologia de ensino do professor fui envolvida de tal forma que ocorreu uma extrema mudança em minha vida. Ele fez despertar algo que estava em mim, embora não conseguia expressar, devido a minha deficiência. O professor foi muito assertivo, claro e direto, quando disse a todos nós que somos capazes de fazer acontecer, era só acreditar em si mesma, dando como exemplo sua história de vida, que ele mesmo não creditava que poderia chegar tão longe, aqui não relatarei todos os momentos precisos que tivemos com o mesmo, mas falarei de processos artísticos que evoluíram, responderam a muitos anseios.

O exercício proposto pelo professor foi para que cada aluno trouxesse um material e descobrisse suas potencialidades, limitações e buscassem artistas que trabalhasse com o mesmo. O material que eu elegi foi o cimento, adotei esse material por já ter trabalhado com ele em outras disciplinas, porém não havia pesquisado sobre o que poderíamos fazer com ele. O cimento pode ser utilizado em várias finalidades, a principal é a construção civil, desde sua invenção pelo construtor inglês Joseph Aspdin no ano de 1824. No campo artístico, minhas pesquisas levaram ao encontro de Fernando Cardoso, escultor que trabalha com cimento e outros materiais para a produção de esculturas (fotografia 1) e Tomie Ohtake, artista plástica que realizou grandes obras em pintura, gravura e escultura (fotografia 2) explorando o cimento como material.

Fotografia 1 – Escultura “Bela Cimento” do artista Fernando Cardoso



Fonte – <http://photoatelier.files.wordpress.com/2012/12/bela-cimento.jpg?w=520>

Fotografia 2 – Escultura em cimento da artista Tomie Ohtake



Fonte: http://media.tumblr.com/c12aedfebac999ec89e307b6bd993f63/tumblr_inline_miy3iaC65s1qz4rgp.jpg

Após a exposição do material o professor propôs a elaboração de um trabalho usando o material elegido. Então resolvi que era a hora de associar deficiência auditiva como um problema e transformar em um projeto artístico.

Nesta atividade mostro o inicio de um projeto que, posteriormente será realizado com cimento, marcando uma trajetória de superação a qual venho tentando durante toda a minha vida. A imagem é uma representação da orelha humana, com uma face no seu interior, é meu autorretrato, um molde em argila (fotografias 3 e 4) com tamanho aproximado de 42cm de comprimento, 25cm de largura e 6cm de altura. Ao elaborar este

trabalho me senti na liberdade de dizer “eu sou deficiente auditiva”, mas com o auxilio de dois aparelhos consigo ouvir (fotografia 5).

Fotografias 3 e 4 – Molde em argila



Fotografia de Jany Alencar

Fonte: Portfólio da pesquisadora

Fotografia 5 - Minha orelha com aparelho



Fotografia de Francisco Aires

Fonte: Portfólio da pesquisadora

A imagem 5 é uma fotografia de minha orelha na qual é visível o uso do aparelho auditivo devido a minha deficiência, exponho nestas duas imagens um pouco do meu processo de superação, me permitindo exibir um segredo que era guardado até pouco tempo.

Em sala de aula o professor nos provocou a pensar sobre obsessão e todos os alunos deram sua opinião a respeito do assunto, logo em seguida, explicou o que seria

uma pessoa obsessiva, relatando os sintomas mais presentes. Logo após nos pediu que representássemos nossas obsessões através de experimentos com variados materiais tendo como suporte o papel Kraft. Na imagem 6 monstro o que poderia ser uma obsessão para mim, mas depois de muito debate ficou claro que representar a mania por limpar o piso de minha casa não é uma obsessão.

Fotografia 6 – Experimento com tinta têmpera guache, acrílica e giz de cera sobre papel Kraft



Fotografia de Adriana Alves

Fonte: Portfólio da pesquisadora

E depois das orientações do professor percebi que todo trabalho tem que ter uma contextualização, definindo assim os limites a serem ultrapassados.

A contextualização sendo a condição epistemológica básica de nosso momento histórico, não poderia ser vista apenas como um dos lados do vértice do processo de aprendizagem. O fazer arte exige contextualização, a qual é a construção do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto. Quando falo de contextualização não me refiro à mania vulgar de falar da vida do artista. Esta interessa apenas quando interfere na obra". (BARBOSA, 2012, p.32)

No segundo exercício de experimentação (fotografia 7), continuo baseando-me na proposta do professor, explorando a obsessão, trago a representação de um sistema sensorial (tato), com variações de cores, elaboradas com a tinta têmpera guache e suporte o papel Kraft, a composição traz um elemento circular centralizada sobre um fundo escuro, bem ao centro do elemento agrego uma figura que representada uma boca feminina, transmitindo as variadas situações de angustias vividas no meu cotidiano, quando tento representar momentos de ansiedade ao roer as unhas.

Fotografia 7- Experimento com Colagem e Pintura com tinta têmpera guache sobre papel Kraft



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

Cada momento vivido nas aulas de didática me aproxima mais de uma alfabetização visual melhor. Lembro-me quando o professor disse: “devamos ser alfabetizados visualmente, ler imagens e observar o movimento do mundo, estar sempre em contato com a arte, artistas e suas obras”, e nos ensinou que ao ler uma obra, devemos nos perguntar: Como é feito? Por que é feito? e Para que é feito?

No curso de Artes Visuais tive a oportunidade de aprender com profissionais de alto nível acadêmico, o professor e meus colegas me ajudaram a superar inúmeras dificuldades, por exemplo, aceitar minha deficiência auditiva, minha condição de mulher negra e, que as minhas angústias e necessidades poderiam ser demonstradas, de uma maneira que sentisse prazer e, sobretudo me sentisse capaz de fazer algo satisfatório e preservando a minha personalidade e identidade.

“Gradativamente, damos forma e sentido às nossas maneiras de admirar, de gostar, de julgar, de apreciar - e também de fazer- as diferentes manifestações culturais de nosso grupo social e, dentre elas, as **obras de arte**. E por isso mesmo sem perceber educamos esteticamente no convívio com as pessoas e as situações da vida cotidiana” (FERRAZ, 2009, p.19).

A partir daqui começo a aprender, entender e compreender o que seria à minha obsessão. Realizando um exercício de experimentação (fotografia 8) através de colagens e pintura sobre papel Kraft, nele represento minhas angústias, que me atormentam por muito tempo. Foram elas que me fizeram não ver o tempo passar e acreditar que não seria capaz de fazer algo.

Fotografia 8 – Experimento com colagem e pintura sobre papel Kraft



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfolio da pesquisadora

A arte nos possibilita criar, sonhar e mudar, no meu caso modifcou pensamentos e comportamento. A imagem acima é o começo de uma libertação, são altos e baixos, choros incontroláveis que não conseguia conter ao longo dos momentos vividos, só quem vivencia este drama da obsessão sabe das inúmeras dificuldades de ser obsessiva, e milhares de pessoas que também vivem ou já viveram, podem falar com propriedade do assunto. Não conto às vezes que o professor teve que esperar com paciência que eu tivesse coragem para falar de meus trabalhos e, consequentemente, de mim. Ele não só foi mediador do conhecimento, mais agia como um psicólogo ajudando a transformar dor em conhecimento e crescimento.

Dando continuidade à compreensão sobre o que o professor estava nos propondo a perceber, ele nos apresentou a artista japonesa Yayoi Kusama¹, ela tem obsessão por pontos e bolas e em seu trabalho artístico é visível a sua obsessão. A artista é extremamente compulsiva e chega a admitir que precisa de ajuda profissional para conter seu problema obsessivo.

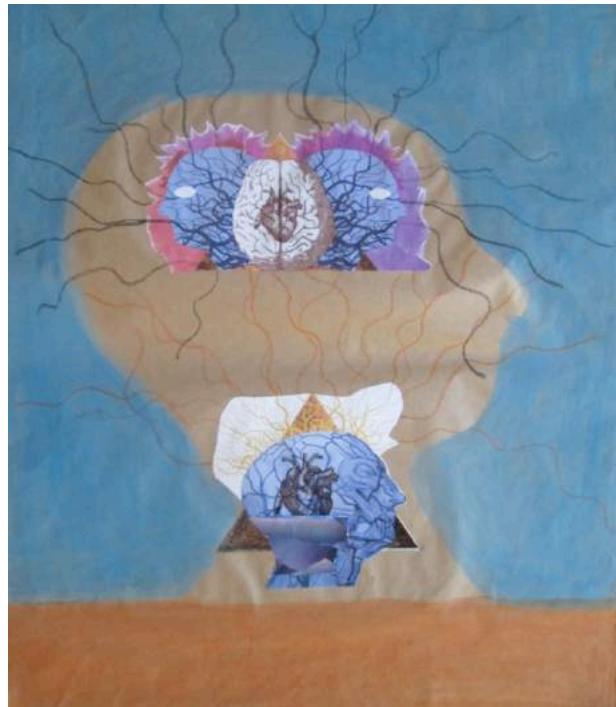
O professor destacou os perigos que essa doença pode provocar se a pessoa não for tratada, chegando a ser uma pessoa esquizofrênica. Começo a descobrir que minhas angustias estavam se tornando uma obsessão e evitando que eu aceitasse o aparelho auditivo. A partir do estudo da obra de Kusama na disciplina de Didática do Ensino das

¹"Minha arte é uma expressão da minha vida, sobretudo da minha doença mental, originário das alucinações que eu posso ver. Traduzo as alucinações e imagens obsessivas que me atormenta em esculturas e pinturas. Todos os meus trabalhos em pastel são os produtos da neurose obsessiva e, portanto, intrinsecamente ligado à minha doença. Eu crio peças, mesmo quando eu não vejo alucinações, no entanto. Com o tempo, passou a preencher pisos, paredes, telas, objetos e até pessoas com seus pontos." Em toda e qualquer arte de Yayoi, podemos "sentir" seu surrealismo misturadas a visões alucinatórias, porém de forma leve, alegre, colorido. Muitas pessoas que sofrem de doenças mentais como esquizofrenia e outras tantas doenças, podem possuir um talento indescritível em alguma área ou arte.

Artes Visuais I fui percebendo que poderia superar e exercitar a liberdade de expressar como convivo com a perda de audição, com o aparelho auditivo e com o mundo, transformando o que antes era angústia, em prazer e prazer visual.

Na imagem 9, busco representar a figura humana, representando tormentos, medos, insatisfações e angustias que se tornaram uma carga pesada e muito negativa. As linhas representam a libertação para um mundo real, concretizando as ideias, emoções e sentimentos em imagens visuais. Faz-se entender a diferença de um processo educativo bem assertivo e mediado, e perceber que a arte está dentro de um contexto. “O fato de haver mudanças na compreensão da arte é o que possibilita falar em processo do desenvolvimento estético.” (ROSSI, 2009, p.22)

Fotografia 9 – Colagem e pintura sobre papel Kraft



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

A imagem 10, é um exercício no qual tento representar algo que se apropriasse do som, num esforço de aproximação para escutar próximo ou distante de algo ou alguém. Foi uma tentativa de representar meus esforços para ouvir uma conversa, situação difícil para mim em razão da deficiência auditiva. E em virtude desses problemas as pessoas se distanciavam de mim por não saberem do problema e pensando que eu não queria conversar, e eu com vergonha de falar que não escutava.

Fotografia 10 - Pintura e colagem sobre papel Kraft



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

A deficiência auditiva consiste na perda da percepção normal dos sons. Encontramos pessoas com diferentes tipos de surdez, de acordo com o grau da perda da audição. Eu não me permitia conviver melhor com as pessoas pelo fato de não aceitar a minha deficiência. Segundo Inácio:

Definir a surdez como um fato concreto chama nossa atenção, em repensar a formação do sujeito como um todo. A perda auditiva implica em várias mudanças desde psicológica quanto social e educacional. Cotidianamente determinamos a surdez como a perda da capacidade de ouvir, a perda do som em seu aspecto natural, incapacidade de compreender a fala humana, são segundo (Skliar, 1998), resultado de uma ideologia clínica na busca de uma explicação para a surdez (doença x Tratamento) e, via das regras, como deve-se comunicar através do uso da linguagem oral, cria-se uma busca para que haja a correção e a normalização desse sujeito.

Chama-se a atenção neste ponto, que essa não é uma função da escola, pois numa situação de vivência a escola deve evitar modelos de normalização, presumindo, assim que se houver, perpetuará a exclusão em oposição a inclusão.

Cabe aqui também ressaltar, que há, entretanto uma enorme disparidade quanto às perdas auditivas, que vão desde perda auditiva leve, moderada e profunda, essas diferenças também devem ser discutidas e analisadas em seus vários aspectos para compreensão da surdez (2013, p.3).

Para mim é de fundamental relevância que a partir da vivência nas aulas de Didática do Ensino das Artes Visuais I, eu procurasse descobrir o meu verdadeiro problema: a deficiência e o grau de minha audição. Ao ter esse conhecimento não foi fácil a adaptação com o uso do aparelho auditivo, até hoje me considero uma pessoa inibida para o uso dele, pois tenho um pouco de vergonha das pessoas porque percebo o olhar diferente quando observam uma pessoa com aparelho. O olhar não é normal, como ao olhar uma pessoa com óculos de grau, porque o mesmo pode ser considerado um acessório. A minha acuidade visual é bem aguçada como a de todas as pessoas deficientes auditivas.

As imagens abaixo são o resultado dos exercícios finais para a disciplina Didática do Ensino das Artes Visuais I, usando como material a porcelana fria e suporte tijolos e porcelana fria com pedras como suporte. No primeiro experimento (fotografia 11) exploro os quatro lados do suporte, no caso o tijolo, para aplicação da porcelana fria representando uma orelha humana pigmentadas com as matrizes azul, verde, amarelo e vermelho. Já no outro experimento (fotografia 12 e 13) apresento um auto-retrato que representa o modo como eu me via antes de iniciar a disciplina.

Fotografias 11 – Escultura em porcelana fria sobre tijolo



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

Imagen 12 e 13: escultura em porcelana fria sobre pedra



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

Considerações Finais

Agradeço com satisfação ao professor pelo processo de ensino e pela aprendizagem que me proporcionou, aliando teoria à prática. Pelo incentivo ao me propor desafios, possibilitando uma maior interação com os professores e colegas, maior interesse pelos conteúdos ensinados e consequentemente por mim mesma. Essa transformação foi causada a partir dos novos conhecimentos adquiridos por meio do ensino da arte. Vale ressaltar que venho estendendo para outras disciplinas como Escultura (fotografia 14) e Pintura outras possibilidades de explorar a relação entre deficiência auditiva e visualidades.

Fotografia 14- Escultura em argila



Fotografia de Adriana Alves
Fonte: Portfólio da pesquisadora

Todos nós portadores de necessidades especiais lutamos todos os dias para termos mais qualidade de vida. Já conquistamos muito, mas ainda temos o que fazer para que órteses, próteses, aparelhos auditivos, para locomoção, sejam assegurados e gratuitos para todos através do Sistema Único de Saúde - SUS. E de direito também, ônibus adaptados para cadeirantes para curtas e longas distâncias, rampas para fácil acesso em escolas, praças, bancos, hospitais, e locais públicos e privado. Computadores para cegos e escolarização para crianças especiais. Tudo isso é um direito de todos que está na lei, é através destas leis que usufruímos e defendemos nossos direitos de cidadãos iguais a todos os outros que se auto declaram normais. Muitas pessoas dizem que somos diferentes, mas diante das leis somos todos iguais e merecemos respeito e tratamento adequado, pois há quem diga que ser diferente é ser normal.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**: Educação e Pedagogia, estudos. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva. 2012.

FERRAZ, Maria Heloisa C de T. **Metodologia no ensino da arte**: Fundamentos e Proposições. 2. Ed São Paulo: Cortez, 2009.

INACIO, Wederson Honorato. **A Inclusão Escolar do Deficiente Auditivo: Contribuições para o Debate Educacional. 2013.**

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

Disponível em:

http://media.tumblr.com/c12aedfebac999ec89e307b6bd993f63/tumblr_inline_miy3iaC65s1qz4rgp.jpg Acesso em:16/10/2014

Disponível em: <http://photoatelier.files.wordpress.com/2012/12/bela-cimento.jpg?w=520>

Acesso em:16/10/2014

Adriana Alves Bonfim Cardoso

Graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri- URCA; Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CNPq; Membro do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos- GPEACC/URCA/CNPq.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4043440A4>

Fábio José Rodrigues da Costa

Doutor em Artes Visuais pela Universidad de Sevilla - US/España; Chefe do Departamento de Artes Visuais da URCA; Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC/CNPq; Coordenador juntamente com a profa. Ana Cláudia Lopes de Assunção do PIBID/Artes Visuais da URCA; Coordenador do DINTER Artes UFMG-URCA.
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4702955Z0>